QUINTA-FEIRA
Lisboa--31 de Março-1927

5 TOSTÕES

45

sempre fixe

semanario humoristico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇAO E OFICINAS
TEL. T. 195
RUA DA ROSA, 57

...ença
Ex.mo Sr.
Alvarenga
...rito

RECORDANDO...

I-A politica: a grande porca

(Célebre página de Rafael Bordalo, n"A Parodia", Janeiro de 1900)

Os ditos da semana

A biografia da minha vizinha está ainda por fazer. Ficam sabendo que é uma viuva inconsolavel, embôra já se tenha divorciado varias vezes depois do luto. Pertence á milicia das feias — sem idade politica definida. Lê todos os jornais, explorando por anuncio as desgraças dos cavalheiros respeitaveis que procuram almas iniciadas, com aluguer barato. A minha vizinha sofre agora uma crise de sinceridade. Todos os dias me bate á porta, ora para utilizar o telefone, ora para pedir um raminho de salsa. Tem medo que as criadas a comprometam na vizinhança, roubando-lhe alguns bigodes louros, que ao domingo, entre roupa lavada, vêm para as varandas das trazeiras, observar o frizo plastico das pernas femininas. Apesar de todas estas qualidades é intoleravel. Sofre duma doença de peito — não sei se por dizer mal de todos, se por andar na rua sem fazer nada. Apesar de viuva, titulei-a de *Miss Impertinencia*. Estou mesmo disposto a escrever as suas memorias, a uma distancia respeitavel, que é igual aos anos da sua certidão de idade.

Miss Impertinencia ocupa todos os dias, quere chova, quere faça sol. De manhã, ainda na cama, chama a criada, decretando, rapidamente, o almoço. A filha aparece pouco depois, com as inevitaveis olheiras dum folhetim sugestivo. Naturalmente, cansada pelo esforço mental de ilusões apetitosas, que ela espera ainda converter em realidades, pede dispensa á mãe de ir ao Conservatorio. Concedido! *Miss Impertinencia* expõe então o seu dia. Tem que ir ao Grandela escolher umas amostras, passar pelo Trindade, onde vai saber o preço dos bilhetes, visitar uma amiga, que está para cada hora. Não tem tempo. Não se pode demorar. Engole o almoço á pressa. Entre cada garfada toma conhecimento dos entes que morreram e dos que se casaram. Conhece-os a todos — embora não conheça ninguem. A's 11 horas, de taxi, toma o caminho da Baixa. A sua primeira impertinencia é á entrada do Armazem. Durante um quarto de hora o porteiro é interrogado vivamente:

— Onde fica a secção de sedas? Ha elevador? Quando é o dia dos retalhos? Ha brindes?

O porteiro heroicamente resiste a este chuveiro de preguntas. *Miss Impertinencia* resolve ir á secção de calçado. Ali faz o caixeiro desarrumar doze caixas.

Sobe ás sedas. Ai o seu capricho inutil não tem limites. O empregado já está envolvido num mar de tecidos.

Quando se retira, sem ter comprado nada, os empregados fazem-lhe figas, sorrindo muito amarelos.

Miss Impertinencia sobe ao Chiado. Na bilheteira do Trindade, consulta a planta do teatro, informa-se do custo de todos os lugares. Hesita na escolha, depois confirma. Já tem o bilhete na mão, quando se lembra:

— Mas que cabeça a minha! Hoje, não pode ser. Tenho a noite ocupada. Amanhã, será.

Toma o electrico, na Misericordia. Vai cheia. A plataforma regorgita de passageiros. *Miss Impertinencia* não se importa. Fura. Desloca toda a gente. Pregunta a um cavalheiro de idade se ha lugar; a outro, ainda menor, se pode passar para a frente; ao condutor, que está com o bilhete na mão, ha cinco minutos, se o carro vai atrazado, se tem troco de 100 mil réis, de 50, de 20. Quando descobre sete tostões e meio apareceu o revisor e já ela perdeu o bilhete. Outra tragedia. *Miss Impertinencia*, cada vez mais satisfeita, chega a Campolide. Procura o numero 12 a um policia, mas vai ao 17. Depois, quando depara com o desejado numero, toca a todas as campainhas. Começa pelo rés-do-chão para ir, finalmente, ao terceiro andar.

— Venho saber...

— O quê, filha...

— Então o que ha-de ser...

A outra, percebeu.

Por fim, recolhe a casa, cansadissima de ter incomodado os outros, inutilmente. A' noite tambem não descansa. Incomoda as vizinhas. A uma pede uma musica; a outra licença para falar ao telefone; a outra ainda, uma receita de doce caprichoso. *Miss Impertinencia* não é uma fantasia. E' um tipo real.

O sexo forte está desacreditado! Desacreditou-se! Desacreditaram-no! Baixou muito de preço. Nalguns paises é já considerado um traste inutil. Em França deixou ha muito enferrujar as armas, de tal maneira que as mulheres serão consideradas militares na proxima guerra. Na Austria, o melhor da sua energia, é substituida ou inoculada á custa das glandulas dos macacos. Na America uma mulher pode fazer condenar um homem, quando o atraiçoa, ficando-lhe com a fortuna e os filhos do outro... Na China é ela quem preside aos tribunais. Claro, que nenhum crime tem apelação.

Eu bem sei que tudo isto está sendo certo. Que o feminismo avança, quando devia ser o contrario. O que lhe havemos de fazer?! Mas tenho receio, devo confessá-lo. Quando não houver homens, o que fazem as mulheres? Como se governam? O isolamento não consente a reprodução da especie. Mesmo pela T. S. F., ainda não foi descoberto esse invento fenomenal.

A mulher leva-nos tudo! Dá-nos tão pouco — que o amor anda em crise. A greve das mulheres — condena-as irremissivelmente. Será uma ditadura sem apoio. A diferença dos sexos, a pequena diferença, como dizem os ingleses, é que lhes permite reclamar o sufragio, enganar os maridos, pedir dinheiro aos que o não são.

Sobre a terra a miseria crescerá, terrivel e medonha. Voltaremos aos tempos do José do Egipto. O que fará então a mulher? Mais mulheres ainda! Se assim fôr serão elas proprias que se hão-de tornar homens, aplicando ás da sua especie a pena de Talião, que nós estamos agora cumprindo.

Mas como isso ainda vem longe, temos que cumprir o nosso dever de homens, embora elas não queiram. Só assim as salvamos e nos salvamos. Custa muito, custa. Energia é o que é preciso. Lembremo-nos que Deus disse: crescei e multiplicai-vos. Nós somos o multiplicador. Emquanto não se descobrir temos que registar sempre. Se não, é capaz o Padre Eterno de nos despedir do emprego, acabando-se de vez o genero humano. Nesse dia a mulher arrepender-se-ia de ter ido tão longe, prescindindo dum bem que não é de todo mau, dizem.

E já não enumeramos os superlativos...

O dr. Leite de Vasconcelos, sabio "refilologo", resolveu rodear-se de policias, prontos a capturar alunas sem papas na lingua. "Sempre Fixe" propõe a criação duma esquadra, a Jesus, comandada pelo chefe Agostinho Fraco.

HUMORISMO NO ESTRANGEIRO

—Você parece que ficou satisfeito por ter tido a *grippe*?
—Pudera! Curei-a com aguardente...

—Olha lá: podes emprestar-me essa coisa com que estás a polir as unhas?
—Para quê?
—Para eu me pentear...

—O negocio começa bem... O conselho de administração, esta manhã, constituiu-se...
—Prisioneiro?...

—O' papá, deixa-me ir vêr o eclipse do sol?
—Vai, mas não te aproximes muito.

A NOVELA DO "FIXE"

Falar verdade a mentir

—Oh!... A Ermelinda de Sousa?!... Que bela esposa! E o marido?!... Que bom sujeito! Vivem os dois como Deus com os anjos...

Isto dizia a Isabel Fonseca á sua amiga Eugenia Gomes, que fazia, de cada vez que ouvia, uma careta de duvida.

—E a petiza—continuou a Isabel—como é esperta!... Já está tão habituada a vir para cá que, de vez em quando, já tem a sua birra, de maneira que a mãe não tem remedio senão trazê-la.

(Nesta altura, Eugenia fez outra careta).

—O' menina, parece que não gostas de crianças—tornou a Isabel.

—Gosto, sim, mas o caso é outro. E' que não posso admitir que ela traga a filha para tua casa e vá depois passeiar com as amigas.

—Não vai tal. Vai fazer compras para o marido. Sacrifica-se tanto por ele! Imagina que, no mês passado, o marido mostrou-lhe certo desejo... Pois, minha filha, ela foi logo comprar-lhe o que ele queria e com tanta infelicidade que, ao descer do carro electrico, caiu e bateu com a cabeça desamparadamente no chão... Dez dias de cama, de cabeça amarrada!...

—Sério? Coitada...

... ...

Assim dialogavam durante a visita, até que, á despedida, a Isabel tornou a fazer outra careta e disse:

—Parece que te enganas. A criança poderá ser muito esperta, muito interessante, mas olha que a mãe tambem me parece interessantemente esperta...

Ora, dá-se o caso que pouco tardou em receber a visita da pequenita, acompanhada pela mãe.

—Cá lhe trago a *miúda* porque, como tenho de ir vêr uma doente minha amiga ao hospital, e não sendo aquelas casas proprias para levar crianças, tive esta lembrança, concorda?

—Fez até muito bem, disse Isabel, porque me serve sempre de grande distracção. Ela já é filha da casa... *(Etc., etc., etc.)*

E o caso é que a mãe deixou-lhe a criança, que ora realmente o enlevo e companhia da Isabel...

Uma vez a sós, Isabel tratou logo de inventar uma brincadeira para distrahir a pequena e distrahir-se tambem.

—Com franqueza, pequena, disse ela, hoje não sei o que hei de inventar para passares o tempo... Vê tu se arranjas uma ideia.

—*Olá*,—disse-lhe a miúda — vamos *brincá* as duas. Tu és a minha mãe e eu sou eu...

—Ah! Tu queres que eu faça de tua mãe? Tem graça!...

—*Quéo*, sim. Anda cá, senta-te aqui nesta *cadêia*.

—Pronto, já cá estou sentada.

—E *agóia* tu começas a chorar *munto*...

—A chorar, para quê?

—Chora, chora *munto*...

—Pronto; cá estou eu a chorar.

(Aqui, Isabel fingiu que chorava).

—*Agóia* apareço eu a dar-te *muitos* beijinhos e dizer-te: «O que é que tu tens, mãe? *Tás* a chorar?» E tu respondes: «Deixa-me, filha, que o teu pai bateu-me...

—?!!!

(Nesta altura é que começa o drama).

—Isso não são brincadeiras, disse-lhe D. Isabel. Lembra-te que eu estava a fazer de tua mãe e o teu pai não bate na tua mãe.

—Bate, bate; *ála*, *outo* dia até ela andou com a cabeça atada.

—Então ela não caiu do carro electrico?

—Não. Foi o pai com o pau da vassoura.

—Mas o que foi que ela fez? Porque foi?

—E' *pu* ir *pó animatófo*... *Onte tamén* apanhou e *natalmente* hoje *tamén*.

—Hoje?! Porquê?

—*Pu* que vai ao Condes...

—Então, a historia do hospital!...

E a protectora Isabel passou toda a tarde a pensar na mãe da miúda, no caso do electrico e na falsa vida de rosas conjugal, até que, quasi á noitinha, recebeu da sua desconfiada amiga Eugenia a seguinte carta:

Querida Isabel:

Calcula o que aconteceu. Fui esta tarde ao Condes, á matinée, e, quando ia a entrar, sabia, para a meterem num taxi, a mãe da miúda.

O marido sovou-a de tal maneira que tiveram de a levar ao hospital.

Logo te conto mais pormenores.

Tua,
Eugenia.

A D. Isabel ficou estupefacta, mas não deixou de dizer, de si para si:

—Afinal, ela não mentiu desta vez. Saiu da minha casa dizendo que ia para o hospital e foi mesmo... Nada ha como uma mulher falar verdade!...

José Barbosa.

—Porque tem aquele varredor um cabo tão comprido na vassoura?
—Porque assim anda sempre afastado do trabalho!...

HUMORISMO NO ESTRANGEIRO

—Com que então, a criada despediu-se.
—Pudera! Tu insultaste-a pelo telefone.
—O' diabo! Eu julgava que estava a falar contigo...

A cantora: — Esquecer-te, nunca, nunca, ó meu primeiro amôr!
Um espectador:—Safa! Que memória que tem esta mulher...

—Minha senhora, o seu marido precisa de um descanço absoluto.
—Mas se ele não me ouve nunca.
—Ah! sim! Isso já é um bom começo...

—Cada vez que lhe trago a conta, você diz-me que venha para a semana. Bem se vê que é um pintor futurista...

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

A FUTURA revista do Maria Vitoria é assinada pelos srs. Luís Galhardo, José Galhardo e Alberto Barbosa.

Eis a santissima trindade:—padre, filho—e espirito santo... do «olho», que é o melhor

■ ■ ■

MARIA Helena despediu-se do publico duas noites seguidas, com a *Garota*.

E' para matar saudades ou para repeti-las?

■ ■ ■

EM festa de artistas—a *Vida de Cristo*, em espectaculo monstro, no Coliseu dos Recreios.

Alves da Cunha faz de Judas. Alexandre de Azevedo, de Jesus. Esperamos que a scena do ósculo seja a melhor.

■ ■ ■

LEOPOLDO Froes vai fazer o *Quebranto*, de Coelho Neto. Como será a representação—desmaiada?

■ ■ ■

LOURDES, peça religiosa, teve na primeira representação um grande enguiço. Um crucifixo que se via na parede caiu estridentemente no solo.

Seria um protesto?

■ ■ ■

CONSTA que, no proximo mês de Junho, subirá á scena, no teatro Nacional, os *Miseraveis*.

Quem serão eles?

■ ■ ■

O PUBLICO tem acorrido pouco ao *Novo Idolo!*

A maioria permanece ainda fiel ao sr. dr. Afonso Costa.

■ ■ ■

JA' mudaram o titulo á peça que foi no Gimnasio—*Milhões de Monty*.

Chamam-lhe agora os *Milhões de Monteiro*...

■ ■ ■

O Eden-Teatro vai montar o *Rei dos Judeus*.

Não entra na peça o nosso colega Benoliel.

■ ■ ■

BOA-HORA, titulo da futura revista do Maria Vitoria—foi riscado pelos autores.

Porquê?

Com mêdo que o publico dissesse:

—Já estamos na *Boa-Hora*. Pouco falta para o Limoeiro.

E dahi quem sabe... Talvez os espectadores tivessem de ser condenados pelo crime de assistencia...

Alfredo Cortez

O diabo que se meteu a frade...

O TEATRO SACRO

No Eden, Coliseu e Politeama
vão dar-nos, em sagrada exposição
peças divinas porque a situação
permite a fé, tornar em dinheirama!...

No teatro onde a Virtude é fraca chama
vereis, junto a uma cruz de papelão,
as «Madalenas» em figuração
e Virgens moradoras em Alfama...

E, em paga, não te espantes quando vejas
vestido de «maillot», qualquer sacrista
dizendo cançonetas pelas igrejas.

E o Povo, quando a um «Te-Deum» assista,
não estranhe ouvir o — «Toma lá cerejas» —
por um prior, como em qualquer «Revista»!...

Reporter B.

O ACTOR Rafael Marques, que ha muito sonhava com a ideia de representar uma peça em Paris, conseguiu emfim vêr realizada a sua aspiração.

O conhecido artista, que tem merecido tantas palmas que até mereceu as «palmas da Academia», partiu ontem para Paris, onde vai representar... a Dona Antonia Ferreirinha, do Porto.

■ ■ ■

A MOURARIA bate o *record* das representações. Alcançou ha pouco—2001

Não acham que é muito? Olhem que os autores são apenas três e não chegam para tanto.

■ ■ ■

MARIO Duarte e Nascimento Fernandes encontram-se em Madrid, onde foram buscar originais portuguezes...

■ ■ ■

TODOS os quadros da rvista do **Foz** - *Secretario dos Amantes*—teem como titulo—«A mulher isto, a mulher aquilo»...

Para quando, «A mulher de *fricassé*?

■ ■ ■

O Robles Monteiro fez a sua festa com—*O Segredo*.

E' bom dizer:

Nem sempre o *Segredo* é a alma do negocio.

■ ■ ■

DIALOGO de Capus:

—E' uma mulher que amei!

—Muito?

—Cêrca de milhão e meio.

■ ■ ■

O POLITEAMA vai ter de verão uma companhia de comedia.

—Qual é a prmieira peça?

—Naturalmente—*O Calvario!*

■ ■ ■

QUANDO é que *nasce* a revista do Maria Vitoria?... Como já ha prazo para o bom-sucesso, esperamos que não haja impedimento.

■ ■ ■

FRANZ LEAR agradeceu calorosamente ao Armando de Vasconcelos, em telegrama, a representação do *Paganini*.

Eis um compositor que confia nos outros como em si proprio...

■ ■ ■

O PUBLICO parece que tem mêdo dos *Lobos*.

Naturalmente é por causa da sua ferocidade.

O Homem das 5 horas

CANÇÃO NACIONAL

FADO DAS TOURADAS

(Ao velho amigo José Segurado)

Mote

P'ra ir á espera do gado,
noutro tempo a populaça
levava a ALMA DO FADO
que era a VIDA NUMA RAÇA.

Glosas

Nesse tempo das touradas
lá no Campo de Sant'Ana
perdia-se a tranmontana
nas esperas tão faladas.
Tempo das mulher's coladas
pelas cantigas do Fado
que um cocheiro afadistado
levava com redea fixe
p'la Calçada de Carricho
p'ra ir á espera do gado!

Essa arena que lá vai
viu de louros bem cobertos
os grandes Irmãos Robertos,
o Minuto *e o* Peixe, pai.
E a memoria ainda atrai
o Sancho *e o* Calabaça
a levantarem a praça,
pois, sem sombra de desdoiros,
viu capinhas e viu toiros,
noutro tempo, a populaça!

Cavaleiros d'espavento,
viu na séla toureando
o Tinoco *e o* Fernando,
o Mourisca *e o* José Bento.
Qualquer deles ornamento
p'ra que o Zé Povo embalado
se sentisse entusiasmado
p'lo toureio rigoroso,
a lembrar que o Vimioso
levava a alma do Fado.

Desse tempo que passou,
hoje, a luz do mesmo sol
illumina o tal Foot-ball
e as tourodas engeitou.
Já que a Natureza errou,
que uma nova luz se faça
e na estrangeira negaça,
se não se fizer pressão,
vai-se a melhor diversão
que era a Vida numa Raça!

José Barbosa.

—Não faltava mais nada! A lêr as minhas cartas!...

—E o patrão não estove ontem a lêr as da Sorôr Mariana...

BRISTOL CLUB DANCING
Jantar concerto das 19 ás 22 h.

100 maneiras
de subir na vida

Toda a gente sabe como se trepa na vida. Para o caso não são precisas as receitas do manual, decalcadas nos métodos de cosinhar ovos ou ganhar á roleta. Pois, apesar disto, ha ainda gente que discute o assunto muito a sério. Para estas pessoas que, por assim dizer, coleccionam os variados modos de obter situações, aqui dedicamos a 101.ª maneira de subir na vida.

* * *

Era uma vez uma grande companhia americana, com empregados, sub-chefes e chefes, sub-secretarios e secretários, sub-adjuntos e adjuntos, muitas cadeiras, maquinas de escrever e muitos gabinetes.

As cadeiras obedeciam a diversos tipos, correspondentes ás varias situações. O espaldar diferente ou uma almofada mais fôfa marcavam distinções. Nos gabinetes, o mesmo. Cada gabinete, consoante as decorações, assinalava uma categoria. As cadeiras e os gabinetes, numa ordem proporcional, até chegar ao cadeirão e ao gabinete do director, era todo um complicado scenario de herarquias. Assim, se compreende que, entre todos os empregados, a cadeira ou o gabinete era como que um estandarte por que todos se batiam. Lutavam por uma cadeira como pela sua dama.

A'parte, ou antes, no meio de tudo isto, havia uma sala grande, repleta de cadeiras e empregados, tudo do mesmo tipo.

Um dia, correu entre a colmeia a noticia de que um novo empregado viria tomar parte na intriga, ou antes, na luta... pela minha cadeira. Logicamente, se era um empregado novo, viria para começar e, de começo, deveria ocupar uma cadeira vaga da sala grande. Se assim sucedesse, nada haveria no estabelecimento. O pior é que se cochichava que o novo empregado iria logo ocupar um gabinete. O gabinete era uma situação. Era saltar por cima de todos os direitos. Com que direito? Ardeu Troia.

Acalmaram-se os animos e o rojar de cadeiras com esta explicação:

Bem se sabia que o novo empregado deveria ir para a sala grande, mas... o homem não podia estar junto dos seus colegas. Tinha um padecimento... Era verdade... Tinha atestados medicos... Qualquer coisa nos intestinos... Emfim... De vez em quando... Escapavam-se ruidos suspeitos... A natural hilariedade interromperia o trabalho. Não podia ser. Não se devia tirar o pão a ninguem, e depois o homem era doente. Embora fosse para um gabinete, isso não significava aumento de categoria nem de ordenado.

Que tivessem paciencia... E assim, por causa dos tais ruidos, o novo empregado passou para um gabinete...

* * *

Depressa se esqueceu o incidente, o empregado, o gabinete e as categorias, até que uma vez, quando a atenção sôbre as escritas exigiu um maior silencio, sentiu-se a prova sonora de que o homem tinha o tal padecimento, que legitimava a posse dum gabinete isolador. Foi geral a gargalhada. Interveio um sub-chefe, inquiriu, fez-se de novo silencio e repetiu-se a prova com uma maior sonoridade...

—Isto não pode ser. Tem que se acabar com isto. Mas o homem tem feito um bom lugar e não deve ir para a rua.

Não houve outro remedio. Deram-lhe outro gabinete, mais isolador, mais confortavel, mais cheio de reposteiros para abafar ruidos. Ora como não se compreendia um desses gabinetes sem uma categoria, o homem foi nomeado sub-chefe... Que tivessem paciencia.

* * *

O homem subiu, pois, em categoria, sem protestos dos colegas, além de tudo, por esta razão maldosa: passavam a ter um sub-chefe que nunca poderia sair do gabinete, pois do contrario os tais ruidos hilariantes comprometiam tudo, até a disciplina, e, assim, todos, ou antes, protegidos pela emergencia de tais ruidos, todos os empregados passaram a fazer do escritorio o que se costuma fazer quando o mestre está fora da loja...

Que bom que era aquele sub-chefe. Quem dera que fosse ele o proprio chfe. Que regabofe. E todos á uma conspiravam para que o antigo colega subisse, subisse mais.

E assim o homem foi subindo.

* * *

O regabofe, sob os auspicios dos tais ruidos, aumentava. Um dia que ele subia em escandalo, entra de subito, sem ruido, o homem dos ruidos.

—Que vem a ser isto aqui? Então não ha aqui quem mande? Pelo que vejo, aqui não se trabalha... Pois vou estar aqui toda esta tarde, para vêr como se faz o serviço...

Os empregados, entre si, riam á sucapa. Não receavam a ameaça... Estavam certos que não tardaria muito que o chefe teria que refugiar-se no seu gabinete para que o seu prestigio não fosse vitima dos tais ruidos.

Pois esteve toda a tarde, passou a disciplinar o escritorio com a sua presença, dias inteiros, e ost ais ruidos nunca mais e ouviram...

Foram um processo... foram a 101.ª maneira de subir na vida...

E. F.

Bric-á-Brac

Carnet Mondain

Volta e meia surpreendo
Tanta e tanta incoerencia,
Que ha coisas que eu não entendo,
Casos que não compreendo,
Por falta de inteligencia.
Não sei bem porque razão
As folhas republicanas
Diariamente nos dão
A elegante secção
Das varias festas mundanas...
Se *O Mundo* a qualquer condessa
Chama *constra*, sorrindo,
Que lhe importa que aconteça
Que uma condessa adoeça,
Ou pára um criança lindo?!
Se aos fidalgos, em verdade,
Pretenderam dar sumiço,
Que interesse ou curiosidade
Tem p'la alta sociedade,
E que teem eles com isso?!
Co'a furia dos canibais,
Da bomba acendem rastilhos
P'ra lhes matarem os pais,
E anunciam nos jornais
O nascimento dos filhos?!...
O proceder desta gente
Causa os maiores desconsolos,
E é de tal forma incoerente,
Que estes homens, francamente,
São hipocritas ou tolos!
No meio da confusão,
Que é tremenda, e que é imensa,
Ha que abrir uma excepção
P'r'ó jornal *A Situação*,
Que diz aquilo que pensa.
Esse, ao menos, outro dia,
Co'uma dessas arrogancias
Em que a franqueza se via,
Chamava *NECROLOGIA*
A' secção das elegancias.

João Fernandes.

BOM HUMOR

— João, a que genero pertence a palavra oro?

—Só quando se rompe a casca é que se pode saber...

* * *

A patróa:—Contaram-me que andas dizendo, na visinhança, que sou mal educada.

A criada:—Impossivel, minha senhora. Nunca digo o que penso.

* * *

—O sr. doutor levou muito caro pelas consultas que fez a meu filho... Era um saramp'o sem importancia.

—Foram vinte e três visitas, minha senhora...

—Mas é preciso ter em conta que foi ele quem contagiou todo o colegio.

* * *

Ela, ao primo:—Queres que eu toque a valsa do *Amôr para Sempre*?

—Para sempre, não. Toca por algum tempo...

* * *

Numa Companhia de seguros, o empregado:

—Sr. director, com o ordenado que tenho morro de fome...

—Nesse caso, dou-lhe um seguro de vida...

* * *

O naufrago:—Socorro! Socorro! Não sei nadar.

O veraneante:—Ora, amigo, acaba lá com isso! Eu tambem não sei nadar e não faço esse barulho...

Inquerito galante

O concurso de beleza mundial que breve se realiza em Galveston está despertando um entusiasmo natural entre as senhoras mais lindas da nossa terra.

Sempre fixe, fiel aos seus principios, resolveu arquivar nas suas colunas algumas opiniões dessas senhoras.

Eil-as:

Fala D. Virginia Quaresma:

—Que diz ao concurso de beleza mundial?

—Acho uma ideia encantadora, responde-nos a nossa antiga colega na imprensa, mas...

—Mas?...

—Só peço que se não lembrem de mim!

* * *

—Andou mal em não me querer—diz Maria Arade. Sou da Liga das Mulheres e só pelo meu peso vejo conveniente não ser a escolhida.

* * *

A opinião de D. Rebolona:

—Não sou portuguesa. De resto, a Belgica já elegeu a sua *miss*...

* * *

Opina agora D. Judite Teixeira, poetisa elegante:

—A ideia do concurso será interessante. Mas é um perfeito Carnaval...

—E V. Ex.ª não gosta do Carnaval?...

—...Prefiro a quaresma...

* * *

D. Maria O'Neill estava tambem indicada. E o jornalista foi ouvi-la.

—Como encara V. Ex.ª o concurso de beleza?

—Não me envaideço. Mas confio em que o *Noticias* se lembre de mim.

* * *

Não é lindo nem senhora, mas o Pinheiro Maluco tinha de ser ouvido. Eis como nos falou:

—Oh porcalhões dum povo! E lá vai agora mais uma porca para a America!

—Então V. não gosta do concurso?

—...E não vos lavais, oh porcas. E pintais os rostos, desvergonhadas!...

* * *

Seguiu-se Julio Ferreira, o Pinheiro Maluco da Brasileira do Chiado:

—Oh filhos: Eu e o Julio Pires não concordamos com o concurso.

—Porquê? E's tolo, homem!

—Vai á... America. Então ainda se manda uma mulher quando para lá vai o Antonio Ferro, que é uma beleza d'homem?!...

Luis Figueira.

—Estou inocente, sr. juiz!

—Tem graça. A acusada é exactamente como a senhora: nova, bonita...

—Não diga mais, sr. juiz. Sou eu!

Vai principiar...

Vai principiarr... meus senhores, vai principiarr a epoca tauromaquica! Pais que teem filhos: corram á bilheteira dos Restauradores e assinem os seus lugares para as corridas que o Segurado dá no Campo Pequeno! Filhos que teem pais: afluam á escola do Agostinho e do Angelillo, em Algés! E' entrarr... quem não partir a cabeça não paga nada!

Já os cartazes com prosa do escritor Segurado (candidato á sorte de cadeira na Academia) anunciam o novo elixir que cura prisões de ventre e parilisia das pernas!

Por serem oportunos, vamos dar os ultimos conselhos aos novos filhos de Montes, começando por lembrar que isto de tourear é muito facil, como dizia o outro. Basta que se ponham diante do touro e que esperem que ele se aproxime. Depois, já sabem, ou vocês se tiram do caminho do touro ou este se encarrega de os tirar!

E' conveniente vêr qual das orelhas o touro mexe, para fugir pelo lado contrario. Claro que lhes pode acontecer o mesmo que áquele rapazinho a quem deram este conselho e que verificou, aterrorizado, que o touro mexia as duas orelhas, colocando-o em sérias e imprevistas dificuldades. Mas isto hoje é facil de solucionar, fazendo o *looping the loop* ou iniciando um *raid* sôbre o espinhaço do touro, recursos de aviação, agora muito em moda. O caso é *descolar* a tempo para o touro não *amarrar*!

* * *

Para estas coisas, o que se recomendo é pé leve e lume no olho, sobretudo olho, muito olho, olho atraz e olho adiante, senão quem sofre é o detraz.

Conheci um aficionado da Moita que sofria de estrabismo e desvio optico, resultando assim ser o objecto real deslocado para um ponto distante daquele onde realmente existia.

Acontecia muitas vezes pegar na capa e estar tempo sem fim gritando para o infinito: «Real! Eh Real!» E, claro, como o objecto real estava num ponto muito diferente, perdia o seu tempo.

Outras vezes, cravava na arena excelentes pares de bandarilhas, convencidissimo que os deixava no lombo do bicho. E o mau era que muitas vezes surgia a realidade duma marrada quando ele menos esperava.

O melhor foi uma vez em que saiu [illegible] forcado. Chegada a sua vez de *pegar*, entrou de fixar o touro, que o seu erro visual teimava em deslocar para outro lado, e, convencido que era preciso ir-lhe á cara e *cair-lhe na cabeça*, projectou-se desesperadamente no solo e partiu a cabeça ao tempo a que o touro autentico o sovava por outro lado.

* * *

Nunca é demais recomendar serenidade e presença de espirito. Alguns aficionados perdem a cabeça de tal maneira que até as pernas lhes parecem hospedes. Conta-se que um Belmonte de Alhos Vedros iniciou tão desesperada fuga, deante do touro que, ao esbarrar com a trincheira, se admirou tanto que berrou, encolerizado.

—Quem pôs isto aqui?!

Ora isto é que é preciso evitar. O toureiro deve disfarçar os *movimentos reflexos* e refletir, mesmo nos momentos que não parecem ser para reflexões.

Assim, deve dar ao publico a impressão de que nada o assusta e tudo está previsto.

Vem o touro e projecta-o no espaço—um sorriso de superioridade, como quem diz: «Era isto mesmo que eu esperava!»

Da colhida resulta uma fractura — outra especie de sorriso que signifique: «Isto é a minha comida!»

Come *pouca* dos espectadores que lhe não apreciam a arte—sorriso superiorissimo traduzindo a ideia de que, se eles fossem touros, pagariam cara a injustiça.

Enfim, o caso é estar superior aos acontecimentos.

Perez-Lachaise

!! Não queira ficar assim !!

USE A **VITELINA-VITERI**

TONICO AMARELO

Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos

FRASCO 8$00

Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.ª

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, D. - LISBOA

A arca de Noé

Até ao presente, tem-se estado reduzido, a respeito deste caso, a banais suposições. Quando muito, não se ignorava que o nosso pai Noé, durante o diluvio, estivera livre do regime sêco. Dahi, imaginar-se que ele estaria na disposição de vender a sua colecção de animais raros para o Jardim Zoologico de Sião (se nunca lêram, sabem perfeitamente que outra não era senão a propria cidade de Jerusalem, edificada sôbre montanhas pelo rei profeta David, grande harpista, e um templo lá por Salomão, o que cortava os nós gordios á espada...) só havia um passo. Em resumo, todas as suposições eram plausiveis, visto que não se sabia nada, ou pouco.

Porém, um documento extraordinario—assim adjectivado, pois, no momento que passa, tudo o é, desde certas pessoas a todas as coisas—veio recentemente perturbar o mundo da sciencia e maritimo. Trata-se duma especie de diario de bordo que o pai Noé teria feito durante a sua viagem na arca. O mau estado dos papyros e as dificuldades da decifração apenas permitiram a Kerdyche dar á luz um debucho da sua tradução definitiva, destinada a lançar viva claridade sôbre um dos capitulos mais obscuros da historia das inundações... Podereis julgar:

Segunda-feira: — Calor horrido. Trinta e cinco graus á pôpa, quarenta no beliche. Sem vento. Tanto pior. Dá-se tempo a que a genesis se produza.

Terça: — Desviámo-nos cinco milhas a oeste. Nada de importante a mencionar a bordo da arca. A galinha pôs um ovo fresco... Antes, raro no tempo que corre.

Quinta-feira: — A pulga caiu á agua. O leopardo, testemunha do acidente, foi muito feliz, conseguindo voltá-la a pescar depois de meia hora de esforços.

Sabado:—Accio. Limpou-se um velho tapir e engulidas oito serpentes.

Segunda-feira:—O mastro do traquete rompeu-se. Imediatamente prevenida, a girafa prontificou-se a substituí-lo, com a demora indispensavel para se preparar.

Quinta-feira: — A meio da noite, veio procurar-me o elefante. Dava mostras de estar dominado por um vivo decontentamento e agitava a trompa como um guizeira:

—Senhor! exclamou ele, desde que me viu—Socorro, ó Noé... Não ha meio de dormir nesta porcaria d'arca. Por cima da minha cabeça fazem um barulho infernal. Que musica! O que é que se passa? E' a foca que se mexe ou o velho Pantaleão, esse pato. Que nojento animal havia posto por cima de mim. Ante-ontem, era o canto do gatario, que toda a noite não nos deixou dormir. Onttem, era o porco-espinho que arrancava os cabelos. Hoje, o auge do barulho... Não tenho defesa contra semelhante algazarra... E ha já três quartos d'hora que isto dura...

—Ah, meu pobre amigo, respondi-lhe eu, você ainda não está disposto a acabar com isso... E' a centopeia que se descalça.

... ...

O diario de bordo do pai Noé continua no mesmo tom... Só pretendemos dar uma simples amostra aos dignos leitores deste recanto. Todos aqueles a quem estes surpreendentes extratos conseguiram, porventura, despertar-lhe o gosto, poderão lêr a continuação na *Revista clinico-dermycomica das anomalias da isosinsia teorica*, obra quanto possivel luxuosa, que brevemente aparecerá a lume nesta quadra.

José Parreira

BRISTOL CLUB DANCING

O UNICO SEMPRE EM FESTA

O que se diz e o que se não deve dizer

As amendoas inglezas

na Pascoa

O ultimo Portugal-França deu uma receita superior a cento e vinte e mil escudos.

A Federação recquilibrou o seu orçamento, e de tal fórma que se anuncia já uma embaixada á Italia, composta por dois directores, dois tecnicos, um massagista, um funcionario e um premio de consolação.

Como os franceses se deslocaram e hospedaram á custa propria, a redonda receita bruta constituiu quasi uma redondissima receita... solida.

As maiores verbas—dizem as más linguas—foram as entregues a varias personalidades orientadoras, para efeitos de publicidade.

E as mesmas más linguas afirmam ter sido essa despesa magna escriturada sob a pitoresca rubrica de:—*Manufactura de Ambiente!*

* * *

Ao banquete oferecido na Camara Municipal ás *equipes* representativas dos dois paises, assistiram muitas dezenas de pessoas.

O *exterior esquerdo* francês Bonello, ao entrar na Camara, e deparando com a multidão de convidados, exclamou:

«—*E' lá possivel que, sendo só vinte e dois a jogar, haja tantos para comer?*»

* * *

Anuncia-se para a semana da Páscoa a vinda a Lisboa dum *onze* profissional inglés—o *Swansea*, crêmos...

A admiravel sciencia dos *pros* britanicos causa sempre a admiração dos tecnicos, e até dos não tecnicos. E, por cá, como em todo o continente, se pensa que as suas exibições podem ser de muito proveito para os jogadores locais.

Permitimo-nos fazer notar que, sob certos pontos de vista, os *footballers* continentais—incluindo os portugueses—nada teem que aprender com os profissionais ingleses, porquanto, se ainda estão muito meninos no trabalho da bola, em outros manejos se revelam eles: meninos-prodigios...

* * *

Porque afinal, em todo o continente, muitos dos melhores jogadores são pagos como em Inglaterra.

São talvez mais mal pagos, mas são pagos.

Sob este ponto de vista, os jogadores continentais imitam e acompanham admiravelmente os profissionais ingleses. E ha quem afirme que alguns ultrapassam os mestres—senão no fundo, ou na importancia dos *fundos*, pelo menos nos processos.

* * *

Os profissionais ingleses são pagos abertamente—brutalmente.

Os seus nomes aparecem nas listas dos trespasses. São tratados como mercadorias. Não ha, para eles, a minima consideração.

Os jogadores continentais, pelo contrario, são solicitados com respeito. Algumas vezes, até, para os não melindrar, se lhes paga por meios indirectos. E os que lhes pagam teem um certo receio de que eles não aceitem os presentes.

Devemos declarar que reputamos este *receio*:—um pouco *excessivo*...

* * *

Os profissionais do continente teem ainda, sôbre os ingleses, uma superioridade enorme—a superioridade de receber dinheiro, continuando a ser: *amadores!*

Podiam até adoptar como divisa:—*Sêde pagos e sereis considerados!*

Não é, pois, para admirar que sintam um legitimo orgulho e se mostrem conscios da sua importancia.

O profissional inglês é molesto. Os pseudo-amadores continentais são vaidosos.

Ahi está ainda um ponto em que os amadores não necessitam lições dos ingleses...

* * *

Todo o corpo redactorial do *Sport de Lisboa*—director e chefe da redacção inclusivé — abandonou o decano da imprensa desportiva portuguesa.

Muitos supuzeram que o jornal suspenderia. Mas não!

Ao inverso da guarda imperial em Waterloo:

—*Le doyen peut se rendre mais ne meurt pas...*

O primeiro numero—após o incidente—do nosso presado colega insere um artigo de fundo que é tambem um artigo *profundo*.

Nele fica estabelecido *O Sport de Lisboa* como escola de jornalistas—uma especie de maquina infernal onde se metem ingenuos e donde saem orientadores categorizados.

Os que, por agora, tomaram conta das pastas constituem, pois, a nova geração de alunos que nos bancos da acreditada escola vai substituir os que sairam com a ambicionada carta de curso.

Uma interrogação, porém, nos queima os labios.

Quem serão os mestres?

Será Cosme Damião o reitor?—um lente que não escreve e que não fala?...

* * *

Ruy da Cunha entrou no *Martinho* e inquiriu do que se passava no *Sport de Lisboa*.

Explicaram-lhe os motivos da modificação do jornal.

Preguntou ainda:

«—Mas quem é aquele Simões Raposo que inopinadamente aparece á cabeça do *mais antigo jornal desportivo português*?»

Só souberam responder-lhe que se tratava duma pessoa natural de Sintra.

Ruy da Cunha fechou a conversa:

«—Ah! E' de Sintra? Está certo. Porque, tal como está, o jornal serve admiravelmente para embrulhar queijadas!»

* * *

O *Vitoria* ganhou no domingo passado o campeonato de Lisboa.

E vem a pêlo relembrar uma coisa pitoresca.

Toda a epoca levaram os categorizados criticos tecendo considerandos largos sôbre este tema fundamental:

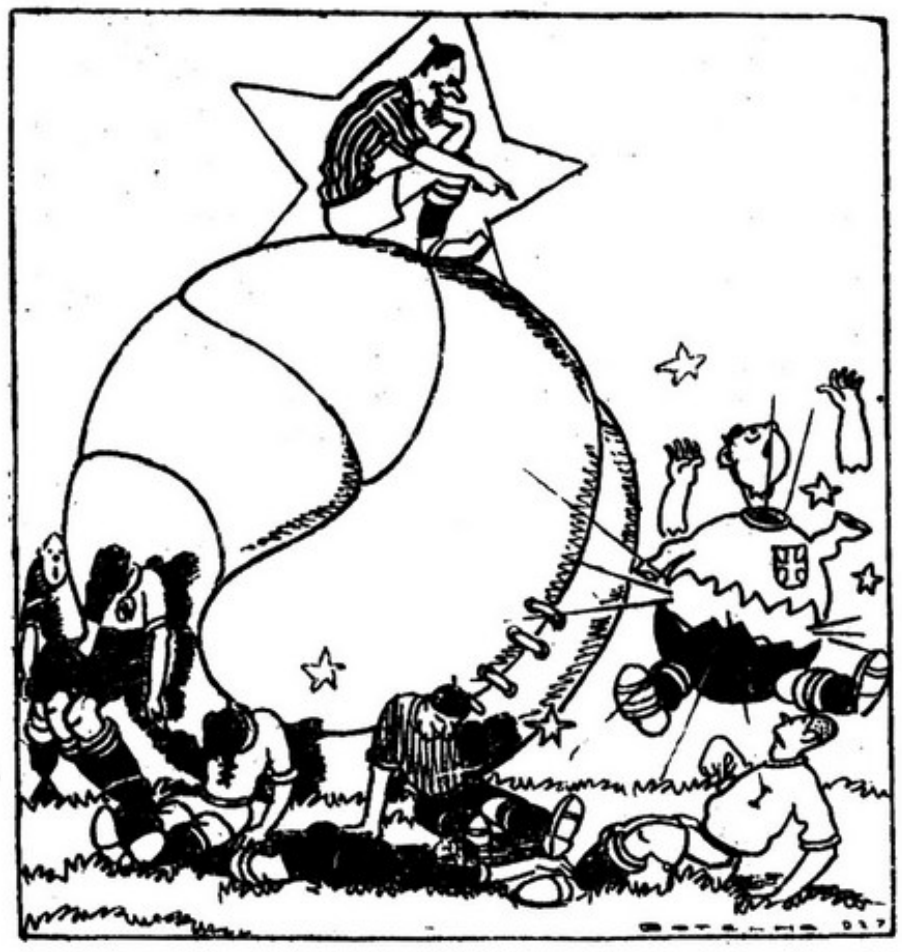
—*O* Vitoria *tem já indiscutivelmente uma classe, uma tecnica propria e muito apreciavel. Mas sofre paralelamente dum tremendo mal. Não atira ao goal! Os seus homens constroem, constroem, constroem, mas não sabem converter em pontos uma vantagem evidente.*

De acôrdo com uma especial queda para as matematicas, limitarmo-nos-hemos a alinhar os *goals* que os *teams* mais classificados da divisão de honra conseguiram fabricar no campeonato:

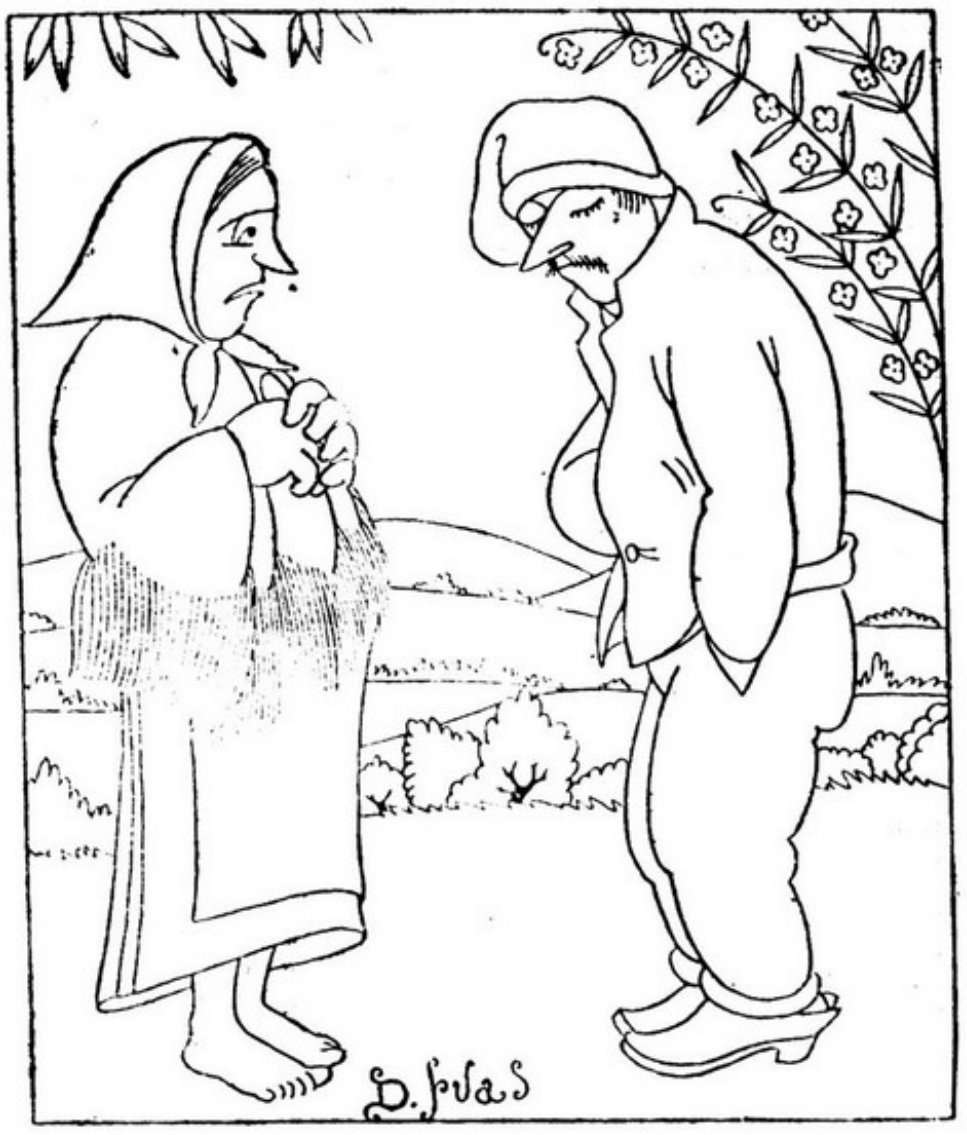
Vitoria	31
Belenenses	30
Carcavelinhos	24
Sporting	24
Benfica	24

O onze sobre o qual todos estavam de acôrdo em que não sabia atirar ao *goal*, é afinal o *recordman* dos pontos obtidos!

Rebola-A-Bola.



O Belenenses tanto inchou, que rebentou



— Disse-me o medico que se queres ficar bom tens de abandonar completamente o vinho...
— Então devo estar muito mal...

— Se um dia tentar a volta ao mundo leva-me?
— Nessa não caio eu. Podia você primeiro dar-me volta ao miolo.

O «Novo Idolo»... de «Lourdes»

Santos que não tazem milagres